



Revista e-Curriculum

ISSN: 1809-3876

ecurriculum@pucsp.br

Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo
Brasil

GONÇALVES, Jean Carlos
A ESCOLA NO QUINTAL DA CULTURA: TEATRALIDADES EM PERSPECTIVA
DIALÓGICA

Revista e-Curriculum, vol. 15, núm. 3, julio-septiembre, 2017, pp. 594-614

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=76652988004>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

A ESCOLA NO *QUINTAL DA CULTURA*: TEATRALIDADES EM PERSPECTIVA DIALÓGICAⁱ

GONÇALVES, Jean Carlos^{*}

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo compreender os sentidos de escola na série brasileira *Quintal da Cultura*, exibida pela TV Cultura. Escolheu-se como *corpus* o episódio *A Escolinha do Quintal – Vogais*. A análise é realizada a partir dos pressupostos da perspectiva dialógica que tem nos estudos de Bakhtin e o Círculo sua ancoragem teórica. Os resultados do trabalho apontam para a relação com o discurso teatral e com efeitos de teatralidade como fatores intrínsecos ao programa em questão. Em contraponto, a análise dos dados apresenta sentidos de escola bastante provocadores do ponto de vista da noção bakhtiniana de relações dialógicas, principalmente no que se refere à visualidade cenográfica do espaço da sala de aula e à presença de relações de poder e forças entre professores e alunos. A série revisita a escola por meio de códigos e signos de um projeto discursivo ainda marcado pela resistência à mudança e às reconfigurações educacionais da contemporaneidade.

Palavras-chave: Escola. Sentido. Teatralidade. Bakhtin.

^{*} Doutor em Educação pela Universidade Federal do Paraná (PPGE/UFPR), com estágio de pós-doutorado no Programa de Estudos Pós-Graduados em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (LAEL/PUC-SP). Professor Adjunto do curso de Produção Cênica (TPC/UFPR) e dos Programas de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR) e Educação: Teoria e Prática de Ensino (PPGE: TPEn/UFPR). Curitiba; Paraná; Brasil. E-mail: jeancarlosgoncalves@gmail.com

THE SCHOOL IN THE QUINTAL DA CULTURA: THEATRICALS IN DIALOGICAL PERSPECTIVE

GONÇALVES, Jean Carlos*

ABSTRACT

This article aims to understand the meanings of school in the Quintal da Cultura, a Brazilian series, aired by TV Cultura. Was chosen as the corpus, the episode A Escolinha do Quintal – Vogais. The analysis is performed from the presuppositions of dialogical perspective that has in the studies of Bakhtin Circle its theoretical grounding. Our results point to the relationship with the theatrical discourse and theatricality's effects as factors intrinsic to the program in question. By contrast, the analysis of the data features provocative meanings about school from the viewpoint of Bakhtin's notion by dialogical relations, particularly with regard to the classroom's visual scenography and the presence of power relations between teachers and students. The series revisits the school through codes and signs of a discursive project also marked by resistance to change and to the reconfigurations of education in contemporary.

Keywords: School. Meanings. Theatricality. Bakhtin.

* PHD in Education from the Federal University of Paraná (PPGE / UFPR), postdoctoral degree in the Program of Postgraduate Studies in Applied Linguistics and Language Studies (LAEL / PUC-SP). Adjunct Professor of the Scenic Production Course (TPC / UFPR) and the Graduate Programs in Education (PPGE / UFPR) and Education: Theory and Practice of Teaching (PPGE: TPEn / UFPR). Curitiba; Paraná; Brazil. E-mail: jeancarlosgoncalves@gmail.com

LA ESCUELA EN EL QUINTAL DA CULTURA: TEATRALIDADES EN PERSPECTIVA DIALÓGICA

GONÇALVES, Jean Carlos*

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo comprender los sentidos de escuela en la serie brasileña Quintal da Cultura - TV Cultura. Se escogió como corpus el episodio A escolinha do quintal - Vogais. El análisis se realiza a partir de los presupuestos de la perspectiva dialógica que tiene en los estudios de Bakhtin y el Círculo su anclaje teórico. Los resultados del trabajo apuntan a la relación con el discurso teatral y con efectos de teatralidad como factores intrínsecos al programa en cuestión. En contraposición, el análisis de los datos presenta sentidos de escuela bastante provocadores desde el punto de vista de la noción bakhtiniana de relaciones dialógicas, principalmente en lo que se refiere a la visualidad escenográfica del espacio del aula ya la presencia de relaciones de poder y fuerzas entre profesores y profesores Los alumnos. La serie revisita la escuela por medio de códigos y signos de un proyecto discursivo aún marcado por la resistencia al cambio y las reconfiguraciones educativas de la contemporaneidad.

Palabras clave: Escuela. Sentido. Teatralidad. Bakhtin.

* Doctor en Educación por la Universidad Federal de Paraná (PPGE / UFPR), con una etapa de postdoctorado en el Programa de Estudios Post-Graduados en Lingüística Aplicada y Estudios del Lenguaje (LAEL / PUC-SP), en la Universidad Federal de Paraná (PPGE / UFPR). Profesor Adjunto del curso de Producción Escénica (TPC / UFPR) y de los Programas de Postgrado en Educación (PPGE / UFPR) y Educación: Teoría y Práctica de Enseñanza (PPGE: TPE / UFPR). Curitiba; Paraná; Brasil. E-mail: jeancarllosgoncalves@gmail.com

1 APRESENTAÇÃO

Essa investigação tem como objetivo compreender os sentidos de escola na série brasileira *Quintal da Cultura*, exibida pelo canal de televisão brasileiro TV Cultura. Uma das motivações para o desenvolvimento do presente estudo está na queda da oferta de programas de televisão (doravante TV) direcionados ao público infantil nos últimos anos. Com a expansão da internet e da TV paga, os canais abertos diminuíram significativamente a oferta de programas infantis em suas grades (REIS, 2015). Um dos fatores está vinculado à pouca demanda por *merchand*, especialmente após a publicação, no Diário Oficial da União, da Resolução 163, de 04 de abril de 2014, pelo Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), considerando abusiva toda propaganda mercadológica direcionada à criança (STECK, 2014).

Enquanto isso, os serviços de vídeo para crianças na internet crescem em ritmo acelerado, o que vem, também, mudando o hábito da apreciação, que agora se dá frente a diferentes telas com tamanhos e formatos diversos. Segundo levantamento da Folha de São Paulo, nos anos 2000 a Rede Globo de Televisão possuía pelo menos três horas diárias da sua programação dedicadas ao público infantil. Cinco anos depois, contava com duas horas e a partir de 2012, com a estreia do Programa *Encontro com Fátima Bernardes*, os infantis perderam espaço na grade (REIS, 2015). Outras emissoras como Rede Record e Rede TV! também diminuíram consideravelmente sua programação infantil, sendo que hoje apenas SBT (Sistema Brasileiro de Televisão) e TV Cultura mantém o investimento em programas para crianças.

Uma das mais difíceis tarefas da televisão atual é conseguir atingir o seu público-alvo em meio a uma gama quase infinita de outras possibilidades midiáticas que vêm surgindo a cada semana. Em uma rede de aparelhos nos quais podem ser encontrados inúmeros aplicativos, *blogs*, canais e redes sociais direcionados aos mais variados interesses e tempos, a televisão vem se desdobrando para tentar dialogar com um público que já nasceu em meio à efervescência tecnológica, ou seja, não consegue mais ficar passivo em frente a uma tela gigante sem querer

=====

controlá-la ou alterar o que vê, em um mundo no qual o controle remoto já parece coisa de um passado distante.

É aí que se torna bastante significativo o fato de uma emissora de TV de caráter público, a TV Cultura, dedicar, atualmente, em torno de 25 horas semanais de sua programação ao público infantil. A TV Cultura pertence à Fundação Padre Anchieta, que é uma Fundação de Direito Privado criada por lei pelo Governo do Estado de São Paulo. Contando, mesmo que não exclusivamente, com dotações dos governos estadual e federal, e com quarenta anos de existência, a TV Cultura se destaca pela qualidade de sua programação infantil. Com auxílio financeiro da FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), criou o conhecido *Castelo Rá Tim Bum* (LIMA, 2011), referência em produtos televisivos destinados à criança.

A TV Cultura é reconhecida, também, pela qualidade de sua produção telejornalística, que busca um jornalismo público que prioriza conteúdos sociais e de caráter analítico. Entre seus diversos telejornais destacam-se o *Metrópole* e o *Vitrine*, ambos com o foco em questões culturais e nos bastidores das novas mídias. Reafirmando seu lugar como TV pública, a TV Cultura tem se destacado ao fugir de padrões comerciais, a partir de uma programação ainda alternativa, com o intuito nobre da formação de um espectador crítico, sintonizado com as questões de cidadania e educação. Com o olhar direcionado às necessidades da criança, do jovem, do trabalhador e das famílias, a marca constitutiva da TV pública distancia-se dos pressupostos comerciais ao negar uma programação exclusivamente voltada ao entretenimento que possa seduzir afetivamente o telespectador, cumprindo, assim, as suas definições de missão, já estipuladas ao longo do tempo (LIMA, 2011).

Em uma pesquisa de caráter dialógico, como será discutido posteriormente neste artigo, a esfera de produção discursiva precisa ser considerada porque é a partir dela que os enunciados circulam e produzem sentidos. Para chegar aos sentidos de escola produzidos pela série em questão, é preciso localizá-la no tempo e no espaço, investigando seus meios de produção e significação. Para dar conta dessa etapa do trabalho, a próxima seção se dedica a explorar o universo do *Quintal da Cultura*.

2 O QUINTAL DA CULTURA

O *Quintal da Cultura* é uma série de televisão brasileira dirigida ao público infanto-juvenil, exibida de segunda a sexta-feira às 8h30 e 15h30, com reprises dos melhores momentos alocadas no programa *Era uma Vez no Quintal* (sábados às 12h30). Desde 18 de abril de 2011 no ar, o programa, que foi criado por Fernando Gomes (o mesmo de outra série bastante conhecida – *Cocoricó*), tem, atualmente, direção de Bete Rodrigues. O pano de fundo da narrativa é um quintal, no qual personagens como Ludovico (José Eduardo Rennó), Dorotéia (Helena Ritto) e Osório (Jonathan Faria) brincam, interagem, descobrem novas coisas e se divertem. Jonathan Faria também atua na manipulação dos bonecos Quelôneo e Minhoquias.

O programa tem sido bem aceito pela crítica especializada. Em 2014, recebeu o Prêmio da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte), em sua 59ª edição, na modalidade “melhor programa infantil” na categoria “Televisão” (GRUPO JJ, 2015). Os bons índices de audiência alcançados também são um fator a ser considerado, já que o formato ainda é único no país: os atores adultos interpretam personagens crianças em curtas esquetes, que vão desde interações diretas com a câmera até o diálogo com outros personagens de “carne e osso”, bonecos animados e bonecos estáticos. A atração tem conquistado o público infantil de diferentes faixas etárias, por apresentar um espaço lúdico no qual diversão e conhecimento contribuem juntos para a realização de uma das missões da TV pública brasileira – o seu caráter educativo. O programa possui elementos de comunicação que provocam um efeito de esquecimento, ou seja, a criança não é lembrada o tempo inteiro de que está diante de uma atração com um propósito de conectá-la ao mundo do conhecimento. O educativo tenta se configurar, portanto, em um conjunto de ações concretas, próximas do cotidiano e das mais diversas realidades culturais da infância.

Em meio a histórias e canções, a aproximação com o universo infantil se dá pela realização de jogos cênicos centrados em situações corriqueiras, momentos do dia ou espaços com os quais a criança possua familiaridade. Além do programa televisivo, a série se desdobra, ainda, em outros produtos do campo da comunicação, a saber: divulgação dos episódios em um canal de vídeos *Youtube*; distribuição do *DVD da Trupe* pela gravadora *Substancial Music*, com compilação de episódios, histórias e músicas contendo extras com curiosidades sobre as personagens; *site* oficial do *Quintal da Cultura* no portal da TV Cultura que disponibiliza, entre

=====

outros acessos, conteúdos como jogos, músicas, vídeos, diversão e informações básicas sobre o programa; e, ainda, página do *Quintal da Cultura* na rede social *Facebook*, com informações atualizadas e sintonizadas diretamente com o conteúdo televisivo da semana ou do dia em questão.

A programação televisiva do *Quintal da Cultura* conta com diversos quadros (FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA, 2014). O *Correio da Dona Coruja* estimula a escrita de cartas, em uma época cada vez mais constituída pela informática e pelas novas tecnologias. O *Quintal Musical* apresenta diversos estilos musicais, contribuindo para o aumento do repertório musical infantil. Em *Brincando com Poesia*, as crianças são levadas ao universo de declamação de poesias e em *Chá com Charadas*, a um desafio de charadas curtas. Na seção *Biblioteca do Quintal*, a série apresenta sugestão de leituras e no *Enigma da Minhoca*, a personagem Minhoquias se transforma numa esfinge que desafia as crianças a desvendarem curiosos enigmas. A *Exposição do Quintal* valoriza a produção de desenhos feitos pelos próprios espectadores; em *De Olho no Osório*, as personagens estimulam a produção de arte com materiais diversos e em *Histórias de Papel*, o lugar é dado à contação de histórias com objetos feitos de papel.

A faixa etária à qual a série se dirige está entre as idades de três e cinco anos, mas o diálogo se dá tanto com crianças mais velhas como mais novas, por sua característica bastante abrangente no que refere aos temas abordados e às metodologias de tratamento das temáticas.

Uma importante relação da série com a área de conhecimento Educação pode ser investigada a partir do acesso à aba *Diretrizes Pedagógicas* (DIRETRIZES, 2014), que integra o site oficial do *Quintal da Cultura*. As informações estão descritas de forma bastante resumida, mas contêm aspectos interessantes do ponto de vista da preocupação pedagógica no entorno da produção da série. Primeiramente, o texto assume a importância da televisão na constituição da criança e na construção de seus papéis sociais. O apontamento, no entanto, adverte para a necessidade de exploração de outros aspectos que caminhem para além da visão reducionista de entretenimento, e considera, ainda, as multiplicidades heterogêneas do público infantil e a implicação delas para a recepção televisiva em diferentes espaços, tempos e idades.

O texto *Diretrizes Pedagógicas* (DIRETRIZES, 2014) da série aponta para três efeitos positivos da televisão para o desenvolvimento infantil. São eles: a) Efeitos positivos no

desenvolvimento cognitivo; b) Efeitos positivos no desenvolvimento afetivo; c) Efeitos positivos no desenvolvimento físico. O argumento para a sustentação dessa triangulação passa por questões que vão desde a preparação para o aprendizado escolar, como aprender as letras do alfabeto, os números e formas geométricas, passando pelas percepções do funcionamento dos relacionamentos e da vida social, até os ensinamentos sobre saúde, inclusive aí temas como alimentação saudável e exercícios físicos. A preocupação com o caráter pedagógico da série pode ser percebida no roteiro, na atuação e na interação com as crianças telespectadoras.

Entre os temas abordados é recorrente, ainda, a presença da escola nos programas da série. Em vários episódios a escola entra como lugar de interação. Os personagens assumem os papéis de professores e alunos, brincando de escolinha. Em uma busca simples no canal *Youtube* com as palavras *Escola do Quintal/Escolinha do Quintal ou Quintal da Cultura – Escola*, o leitor será levado a diferentes temas, ou assuntos de aula, que são abordados pelo programa.

O *corpus* escolhido para análise, neste artigo, é composto, justamente, pela materialidade verbo-visual presente no episódio *A Escolinha do Quintal – Vogais*, que é analisada a partir da noção de teatralidade e pelas lentes da perspectiva dialógica do discurso, teorias discutidas na próxima seção.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A teoria que embasa esse estudo se estabelece em dois eixos indissociáveis e interdependentes. Ao considerar a teatralidade como fator intrínseco ao programa em questão, pelo acesso ao jogo e ao lúdico como forma de despertar o interesse da criança pela apreciação estética, compreende-se que o olhar para os dados se dê a partir dos estudos do discurso teatral. A teatralidade é considerada, neste trabalho, a partir dos pressupostos de Cornago (2009) e Diéguez (2014) para os quais é necessário pensar o próprio teatro como campo expandido, ou seja, a manifestação do que é intrinsecamente teatral pode se dar em uma materialidade que não seja, necessariamente, do campo da cena presencial.

A escolha dos efeitos de teatralidade como dispositivo analítico para pensar a educação encontra nas discussões de Florence (2011) um lugar de equilíbrio, especialmente na abordagem

=====

do autor sobre o teatro como uma arte capaz de acordar o imaginário e questionar por vias radicais qualquer instituição ou convenção que possa reger as relações humanas. Ao fazer repousar sobre um programa de TV um conjunto de possibilidades cênicas que o aproximam dos pressupostos da estética teatral contemporânea, ampliam-se os modos de fruição da criança, já que a provocação para a reflexão encontra, no campo da literatura vigente nos estudos de recepção teatral, um lugar privilegiado. Ou seja, quanto mais a televisão se distancia de uma visão mercantilista e comercial, mais ganha em proximidade com a centralidade de discussões sobre o discurso teatral contemporâneo, que tem na sua base constitutiva a interação em seu caráter sempre mais humano do que objetificado.

Essa pesquisa compreende a teatralidade como fenômeno partícipe da série *Quintal da Cultura* ao identificar marcas do discurso teatral desde o processo de construção do programa até a materialidade que este coloca diante do público. A interpretação dos atores, por exemplo, não segue princípios televisivos, como é de praxe em seriados ou telenovelas. Os elementos teatrais encontram-se presentes no figurino, na sonoridade e na cenografia possibilitando que a criança faça leituras bastante diversificadas, dialogando com o programa e produzindo sentidos ao invés de provocar apenas uma recepção passiva e alienada.

Nesse aspecto, a partir da contribuição de Barbero (2014) para os estudos da comunicação na educação, é possível pensar a noção de textura dialógica, que implica tanto a textura do símbolo quanto a constituição da subjetividade, em uma aproximação com a teoria dialógica bakhtiniana, que permite um olhar para o próprio homem como objeto de pesquisa das ciências humanas. Uma situação de enunciação possui como marca principal o fato de que a produção, circulação e recepção de sentidos se dá, sempre, a partir de projetos discursivos inseridos em diferentes esferas de atividade humana. É o homem, complexo e raramente harmonioso, constituído nas relações com o outro, que ganha lugar central de discussão nesta perspectiva. É no olhar para outros sujeitos, portanto, que a pesquisa em educação se torna efetiva e encontra motivos de existência, o que possibilita uma forma dialógica de conhecimento (FREITAS, 2011).

As ciências humanas, quanto mais se aproximam das necessidades de exatidão, codificações e objetividade, mais se distanciam do caráter humano do sujeito. É por isso que

a interlocução com Bakhtin no campo da educação se propõe como outra forma de olhar para as diferentes esferas das quais o próprio campo em questão se constitui, inclusive para esferas de comunicação marcadas por efeitos de teatralidade.

Ao trazer a importância do social, do outro, do contexto, em uma discussão sobre linguagem que implica alteridade, multivocalidade e interação como constituintes do sujeito, o pensamento bakhtiniano tem fundamental contribuição a dar para os estudos em educação. Fugindo da necessidade de inauguração de uma proposta metodológica de análise enunciativa, os estudos de Bakhtin e do Círculo nos advertem que as relações dialógicas "não podem ser reduzidas a relações meramente lógicas ou linguísticas" (BAKHTIN, 2006, p. 323). A possibilidade de análise dessas relações só são possíveis entre enunciados concretos de diferentes sujeitos do discurso. Por mais que um objeto de pesquisa possa ser compreendido, na esfera científica, como coisa, é impossível que o discurso de um sujeito passe imune e permaneça como coisa pelo crivo de uma análise dialógica. Nesse vai e vem de perguntas e respostas que constitui o diálogo, o sujeito encontra possibilidades de ser, viver e interagir, ou seja, a pesquisa se constitui como uma investigação que acontece, em condição *sine qua non*, em meio ao diálogo.

Para Barbero (2014), comunicação e linguagem são áreas indissociáveis e interdependentes, que abarcam, para além da responsabilidade pela constituição dos sujeitos, uma relação cada vez mais estreita entre o público e o comunicável, que encontra pelas vias da mediação das imagens uma centralidade que não pode ser desprezada pelos estudos do discurso. Nesta compreensão, é necessário pensar que o enunciado, no campo televisivo e mesmo em outras esferas, sempre está em diálogo com seus elos precedentes e posteriores, e é condicionado a diferentes identidades temáticas e por seu pertencimento a determinados campos de atividade (GRILLO, 2008). O enunciado sempre terá relação com a antecipação da atitude responsiva, o conhecimento da posição enunciativa dos participantes da interlocução, seus gostos, suas preferências, seus desejos. Essa relação também está condicionada às especificidades de determinada esfera. Assim, ao enunciar, o sujeito responde ativamente a enunciados precedentes e também considera a antecipação da posição responsiva do seu interlocutor, o que permite que o olhar para a palavra do outro nunca aconteça isoladamente, ou separadamente de um contexto de produção enunciativa.

=====

Não é possível, então, em uma Análise Dialógica do Discurso, olhar para os dados de pesquisa a partir de uma perspectiva sistêmica, pois os sentidos das palavras que os compõem são sempre ideologicamente orientados (CASTRO, 2007). A compreensão do contexto escolar é do interesse dos estudos em educação, das interações, dos papéis sociais e dos modos de funcionamento das relações pedagógicas. Por isso a justificativa dessa pesquisa se ancora na articulação entre teatralidade, comunicação e linguagem como uma tríade eficaz na produção de sentidos sobre a escola, porque para Bakhtin (2006), o enunciado (e as diferentes formas de enunciação) é intrínseco às relações humanas, o que traz à tona possibilidades de pesquisar o sujeito pelos discursos que ele produz ou que o constituem nas suas multifacetadas dimensões. É aí que o ato da compreensão de diferentes projetos discursivos (de caráter verbal, visual e ou verbo-visual) se instaura, também, como um ato dialógico.

O que a perspectiva dos estudos de Bakhtin e do Círculo oferece não é uma teoria pronta, nem uma metodologia a ser seguida, e sim diálogos sobre modos de ser, de viver, de se relacionar. Modos de compreender os trajetos da própria pesquisa em meio a tantas escolhas que são necessárias, porque pela ótica bakhtiniana "descortina-se a possibilidade de conectar o agir do homem – na sua condição essencial de ser histórico, criador, transformador e em permanente devir – com uma linguagem fundamentalmente plástica, isto é, adaptável à abertura, ao movimento, a heterogeneidade da vida humana" (FARACO, 2009, p. 101). É esse modo de pensar a condição humana em seu mais variado senso de globalidade que permite uma pesquisa dialógica, através da qual seja possível “ouvir e escutar amorosamente a palavra do outro” (FARACO, 2009, p. 99), o que torna absolutamente inútil qualquer atribuição de classificações e rótulos, também hegemônicos, no pensamento bakhtiniano.

Ainda para pensar as contribuições de Bakhtin para as ciências humanas, e neste trabalho, especificamente, para o campo da educação, Castro (2007, p. 94) trata da pesquisa bakhtiniana como uma “relação axiológica, com os fenômenos humanos, e construída através do diálogo entre pontos de vista distintos sobre o homem, sua natureza e sua história”. Nesse viés, estudar o mundo humano se constitui num olhar para o outro, num debruçar-se sobre o pensamento do outro, seus enunciados, seus valores. Neste ponto, a escolha pelo dialogismo como dispositivo analítico só encontra afinidades teórico-práticas com estudos que percebem a

pesquisa como uma escuta investigativa. Escuta que é sempre uma escuta de discursos. Estudar a educação na perspectiva de Bakhtin e do Círculo é, então, olhar para diferentes materialidades discursivo-enunciativas como fontes de dados, a partir das quais é possível refletir sobre diversos aspectos que interessam a esse campo de conhecimento. O exercício de análise considera o sujeito e sua voz em uma dimensão que abarca uma construção múltipla de sentidos. Por isso, a enunciação como categoria fundante, a ser analisada, nesta perspectiva, vai além de uma teoria, integrando-se ao corpo da pesquisa, constituindo-se no próprio ato investigativo.

Considerando a proximidade da representação televisiva com o discurso teatral, destaca-se, neste trabalho, a utilização da TV como forma de despertar a imaginação criadora infantil, o que aproxima os acontecimentos cênicos, na referida série, do universo teatral (linguagens, cenários, textos, interpretações). Como abertura para uma discussão mais direcionada ao espaço da sala de aula, as relações dialógicas com o campo da educação se estabelecem, no episódio analisado, por meio dos sentidos atribuídos à escola, principalmente no que se refere à relação entre professores e alunos.

Os dados são analisados pela perspectiva da Análise Dialógica do Discurso (Bakhtin e o Círculo), sob a ótica da verbo-visualidade. A verbo-visualidade é uma categoria de análise que permite ao pesquisador olhar para seu objeto por meio da imbricação entre as dimensões verbal e visual, sem que elas sejam analisadas separadamente. Brait (2013) aponta como verbo-visuais diferentes materialidades que vão desde projetos gráficos, passando por projetos cênicos até os audiovisuais, sendo que a dimensão verbal deve ser considerada em sua textualidade escrita ou oral e a visual em suas possibilidades estáticas ou dinâmicas. A produção, circulação e recepção de sentidos em perspectiva verbo-visual é um dos interesses da Análise Dialógica do Discurso.

Nesse viés, o texto precisa ser visto em sua ampla gama de marcas e subjetividades. Primeiramente, a descrição do evento analisado não pode desconsiderar a esfera de produção do projeto enunciativo-discursivo. Seria um risco imaginar, por exemplo, que o texto possui qualquer possibilidade de isolamento ou que as características semânticas/léxicas estariam totalmente desvinculadas dos princípios ideológicos de tempo e de espaço. Esse tipo de análise

=====

também não admite um olhar neutro, livre de coerções ou valorações axiológicas frente ao objeto para o qual se olha.

Para compreender os sentidos de escola na série *Quintal da Cultura*, foi escolhido como locus de investigação o vídeo *Escolinha do Quintal – Vogais*, postado no canal do *Quintal da Cultura* no *Youtube* em 19 de outubro de 2012 (TV CULTURA, 2012a). O vídeo também pode ser acessado diretamente no *site* da TV Cultura, com o nome *Quintal da Cultura – Professora Dorotéia* e data de postagem referente ao dia 27 de agosto de 2012 (TV CULTURA, 2012b).

A análise contém, a partir de uma descrição comentada do vídeo, acessos a aspectos verbais e visuais que se interrelacionam, por meio dos quais é possível verificar aproximações com efeitos de teatralidade e com a escola. Para a teoria dialógica, âncora de base deste estudo, as dimensões verbal e visual se complementam instaurando o vídeo como uma materialidade discursivo-enunciativa de caráter verbo-visual, já que o texto verbal é enunciado dentro de uma dimensão de visualidade que, por sua vez, é também discursiva, e vice-versa.

4 PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A ESCOLA

O episódio *A Escolinha do Quintal – Vogais* se passa dentro do cenário do *Quintal da Cultura*, composto por um chão de grama sintética verde, alguns baús distribuídos em ordem aleatória e, ao fundo, desenhos que lembram pequenas montanhas. O cenário não possui paredes, o que remete à imagem de um quintal aberto do qual podem ser observados o céu, o sol e as nuvens. Algumas bolas, de tamanhos diversos, e um círculo brincante gigante integram o ambiente. Especificamente para configurar o espaço da escolinha, a cenografia é composta por um quadro branco, que tem ao seu lado a mesa da professora. Em frente ao quadro, cinco mini-sofás (*pufs*) estão dispostos de forma enfileirada e sobre eles encontram-se bonecos de pano direcionados frontalmente para o quadro.

Um dos diferenciais, neste episódio escolhido para análise, é que os alunos são representados por bonecos de pano, ou seja, a centralidade da aula está sob a responsabilidade da professora Doroteia. A aula acontece a partir do jogo entre uma atriz e sua interação com bonecos (que neste caso são estáticos, não são manipulados, não têm participação com atuação ativa). A

cenografia começa, desse modo, a dialogar com as lembranças do que seja a configuração espacial de uma sala de aula. Os efeitos de teatralidade aproximam o espectador de uma situação cotidiana, mas não deixa de lembrá-lo que a esfera discursiva é fictícia. Todas as remissões de sentido se dão no intuito de fazer com que a criança reconheça o espaço das ações como uma sala de aula de educação básica, mesmo que o ambiente seja composto por quadro branco ao invés de negro, canetas de quadro ao invés de giz, desenhos de espaços abertos ao invés de paredes, *pufs* ao invés de carteiras/cadeiras, e bonecos ao invés de crianças.

O projeto discursivo visual se rende ao discurso teatral ao provocar sensações relacionadas diretamente à memória e à produção de sentidos para a escola. Pela criação de um ambiente visual fictício, a teatralidade ganha espaço e condição de existência por meio de uma aproximação simbólica, na tentativa de fabricação de uma imagem de escola que possa remeter à escola da criança, ou ao que ela imagina como escola. Os códigos são simples, mas eficazes ao provocar uma leitura que tem, ao mesmo tempo, o mínimo de compromisso com o espaço escolar vivido e conhecido pela criança em sua realidade local e também um grande potencial de reconhecimento espacial da imagem produzida enquanto visão homogeneizante de escola; ou seja, na concepção da série *Quintal da Cultura*, é possível que todas as escolas contenham aspectos espaciais, pelo menos, visualmente, iguais. A atribuição de sentidos à escola, por parte dos sujeitos, passa, assim, pelo significado já posto (MENDONÇA, 2011), quando caberia às mediações (neste caso, a televisiva) buscar possibilidades de ressignificação de processos e experiências que, pela mobilização de sentidos a partir de significados já construídos, pudessem abrir caminhos de reflexão e crítica.

O vídeo inicia com um enquadramento de câmera fechado na professora. Ela está com uma régua na mão e enuncia em tom imperativo: *Silêncio classe. Silêncio. Silêncio, Silêncio. Isso mesmo. Educação*. Após informar o conteúdo do dia, as vogais, a professora se dirige ao quadro e é interrompida pelo som de uma chamada de celular. O espectador, ao contemplar o quadro fechado, mesmo que não queira, é levado a imaginar que os alunos estão em povorosa. Aos poucos o enquadramento vai se abrindo, deixando que a sala de aula seja vista e que os alunos são, na verdade, bonecos de pano. O conflito instaurado pelo toque do celular faz com que a professora indague os alunos sobre quem está com o celular ligado, e ao descobrir, expulsa (joga

=====

para fora da sala de aula) um desses bonecos de pano. Os sentidos que aí se produzem permitem ao pesquisador aproximar a ficção de alguns discursos sobre a escola que circulam em diferentes contextos. O comando da aula caracterizado pela voz da professora e o seu desembocar em palavras autoritárias dirigidas aos alunos é uma marca de escolarização que, infelizmente, não está tão distante assim do chão de pesquisas sobre a sala de aula.

Os alunos (bonecos), todos passivos diante das situações vivenciadas, poderiam ser representados também por seres humanos, porque o que está em jogo é muito mais a homogeneização dos sujeitos do que sua interação em sala. No percurso da encenação, todos concordam com a professora, respondendo a enunciados anteriores de forma passiva e sem questionamentos. Qualquer possibilidade de autoria fica, desse modo, esmaecida na grande voz de um grupo. As individualidades subjetivas não são consideradas pela professora Doroteia, o que impede que a construção do conhecimento se estabeleça enquanto prática dialógica. A concentração de poder na voz da professora acaba deixando a aula com tons monológicos e hierarquizados.

No minuto 2'44" do vídeo, a personagem professora enuncia: *Cansei! Estou no meu limite. Vocês estão achando que é fácil ser professora? Não é não. Prova surpresa.* Este enunciado, dotado de vozes as quais Bakhtin relacionaria às forças centrípetas da enunciação (BAKHTIN, 2010), contém em si, tanto o estigma de um poder de agir do professor sobre os alunos, quanto a afirmação desse poder ao recorrer à prova surpresa como vingança, caracterizada por um recurso de avaliação repleto de vozes autoritárias. A partir da primeira ação de punição realizada pela professora, o encaminhamento dos bonecos para a diretoria (eles são literalmente jogados para fora do plano expressivo) começa a ganhar *status* de normalidade. Um a um, eles vão sendo excluídos da sala de aula e do olhar do espectador.

Os dois primeiros bonecos (alunos) abordados pela professora cometem o que para ela pode ser considerado um delito: utilizar celular na sala de aula e fazer um desenho que aos seus olhos parece um garrancho. Os demais cometem o delito corporal das flatulências, quase que incontroláveis, mas não permitidas no que poderíamos chamar aqui de uma remissão ao discurso escolar de higienização da infância (ROCHA, 2003). Ao desembocar em uma questão corporal, e após expulsar todos os alunos de sua sala, a própria professora perde o controle sobre suas

flatulências e é irônica ao dizer que, agora, ela também vai ter que ir para a diretoria. Embora a situação provoque risos e tenha tons cômicos, cabe ao analista investigar o seu objeto desvelando discursos sobre a escola que pareçam opacos, mas, ao surgirem, abrem possibilidades de discussão para que possamos tentar responder a pergunta: quais os sentidos de escola presentes no episódio *A Escolinha do Quintal – Vogais*, na série brasileira de TV *Quintal da Cultura*? As respostas caminham na direção de se pensar uma escola que ainda olha para o sujeito como detentor de uma passividade homogênea, que tem na figura professor o seu centro de poder. As relações dialógicas se estabelecem com o espectador, mediadas por certa dose de teatralidade, afirmando o espaço escolar como um lugar de privação, coerção e contenção.

O formato de palco-plateia para a disposição de alunos e professora também é uma marca visual considerável a se analisar, já que a literatura vigente sobre a escola insiste na exploração de outros formatos e espaços para o ensino e a aprendizagem, mas as representações midiáticas da escola insistem em adotar uma visão polida e higienizada dos corpos e suas possibilidades de vivência neste espaço de sociabilidade. A série em questão coloca em discussão, também, uma escola que ainda prefere expulsar o aluno da sala de aula quando sua presença possa perturbar a existência de um ambiente politicamente aceitável. Novamente, impede-se a possibilidade do diálogo, que mesmo conflituoso, é categoria fundante para a existência das relações humanas. Quando o outro (no caso do vídeo analisado, o aluno) não tem possibilidade de se presentificar enquanto sujeito que existe e, portanto, enuncia, retira-se dele o direito de resposta, e a única voz que ressoa é aquela das regras, dos bons modos e do que é aceito em determinado ambiente ideológico.

Voloshínov (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2010), em sua discussão sobre signo e ideologia como dimensões inseparáveis, nos apresenta a ideia de que um produto ideológico reflete e refrata uma outra realidade. É aí que o signo, dotado de conteúdo ideológico, adquire valor simbólico. Esse é o caso da escola representada pela série *Quintal da Cultura*. Ela é fictícia, embora suas remissões a aspectos da realidade não possam ser negadas. A série também não diz, diretamente, que toda escola é assim, mas acaba produzindo sentidos que se pulverizam nessa direção.

=====

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões que integram este artigo não se fecham aqui. Pelo contrário, é necessário que mais investigações se debrucem sobre os discursos nos quais a escola é foco de discussão. Interessam a este trabalho, no entanto, aqueles discursos que tenham relação com elementos de teatralidade, pois esta investigação entende que teatro, linguagem e educação constituem uma triangulação poético-estética ainda pouco explorada, e que pode, na perspectiva deste estudo, se construir sob o prisma de um fértil campo de relações dialógicas a serem analisadas, especialmente no que se refere à articulação entre os estudos teatrais e os estudos bakhtinianos.

Olhar para a escola pelas lentes da comunicação e da linguagem permite que os percursos de investigação se caracterizem enquanto trilhas a percorrer, não estáticas, em processo permanente de construção. Diferentes materialidades midiáticas representam a escola, pois nela os sujeitos se constituem e (re)organizam suas experiências de vida, de saberes, de relações. Privilegiar a escola como lugar de trocas e interações é, portanto, parte do mundo prático e teórico, já que a escola está para a comunicação como um campo de referência e identificação por parte do sujeito espectador/interlocutor.

Este artigo se debruçou sobre o episódio *A escolinha do Quintal – Vogais* no intuito de compreender os sentidos de escola que se apresentam nesta materialidade verbo-visual. A análise considerou aspectos que apresentam uma visão de escola bastante preocupante, na qual as relações de poder ganham força e destaque, o que resulta em um caos temático: a professora não tem como continuar a sua aula, pois todos os seus alunos foram expulsos por cometerem delitos, para ela, imperdoáveis.

A perspectiva bakhtiniana permite que o olhar para os dados se dê em uma relação, também, dialógica. O pesquisador se debruça sobre o dado não pela necessidade de verificar causas e efeitos de determinados discursos e sim, pela possibilidade de compreensão de uma esfera (a escola) a partir do emaranhado de vozes que se cruzam na materialidade discursivo-enunciativa escolhida para análise.

O artigo contribui para o campo da educação, dialogando com os estudos da linguagem, comunicação e teatralidade, e conclui que a produção de sentidos sobre a escola no episódio em

questão ainda é marcada pela vinculação a uma escola que não se quer. Esta visão de escola excludente e homogeneizada, embora familiar a determinadas realidades, precisa encontrar o lugar da diversidade, do diálogo e da busca de formas de produção do conhecimento que dissipem o protagonismo do professor, dando lugar a trocas simbólicas efetivas entre os sujeitos/agentes da educação. Embora realidade e ficção se misturem nesse processo de investigação da escola pelas vias da mídia, é importante que se destaquem experiências distintas, principalmente aquelas relacionadas a uma escola que se quer e que se mostra como possível. O episódio reafirma uma escola na qual o poder é centralizado e o apagamento dos sujeitos é tido como processo cultural normativo.

Ao olhar a escola pela tela da TV, as crianças também produzem e re(significam) sentidos. Daí a importância de se pensar a alteridade como mediadora da construção de identidades e, por consequência, de visões de mundo e valorações axiológicas do outro e, ainda, do acesso a diferentes referentes (AMORIM, 2004). Apresentar à criança uma escola que não se quer implica uma responsabilidade pela produção de sentidos que ultrapassa a fronteira do ver para refletir, incitando uma contemplação passiva e equivocada do fenômeno cênico televisivo, de forma que a escola projetada no vídeo possa ser comparada à escola cotidiana. Eis o risco da programação televisiva infantil. Mesmo que os pressupostos da série sejam educativos, como se viu no início deste artigo, é possível que eles não estejam conseguindo provocar na criança a necessidade de questionar e refletir, ficando, apenas, na reprodução e repetição de práticas inadequadas e incompatíveis com a literatura vigente da área e com suas reverberações nos procedimentos/projetos educacionais da escola brasileira contemporânea.

=====

REFERÊNCIAS

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**. São Paulo: Musa, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Questões de literatura e estética: A teoria do romance**. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud & Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2010.

BARBERO, Jesus Martin. **Comunicação na Educação**. Trad. Maria Immacolata Vassalo de Lopes e Dafne Mello. São Paulo: Contexto, 2014.

BRAIT, Beth. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana; Revista de Estudos do Discurso**, São Paulo, v. 8. n. 2, p. 43-66, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v8n2/04.pdf>> Acesso em 20 nov. 2015.

CASTRO, Gilberto. Dos parques resultados da Educação Linguística no Brasil e da importância das relações entre sujeito e linguagem. SCHMIDT, M.A. (et alli) (Org) **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

CORNAGO, Oscar. Atuar de verdade: a confissão como estratégia cênica. In: **Urdimento**, Florianópolis, v.1. n.13, p. 99-112, 2009. Disponível em: <http://digital.csic.es/bitstream/10261/24554/1/Urdimento_2009.pdf> Acesso em 13 nov. 2015

DIÉGUEZ, Ileana. Um teatro sem teatro: a teatralidade como campo expandido. **Revista Sala Preta**, São Paulo, 14, p. 125-129, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/salapreta/article/view/81758/85340>> Acesso em: 15 nov. 2015.

DIRETRIZES Pedagógicas. **TV Cultura**, São Paulo, 30 set. 2014. Quintal da Cultura. Disponível em: < <http://tvcultura.cmais.com.br/quintaldacultura/diretrizes-pedagogicas/qual-o-papel-da-tv-no-desenvolvimento-infantil>> Acesso em: 30 out. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FLORENCE, Jean. Os efeitos de teatralidade. Trad. Silvia Balestreri. **Revista Cena**, Porto Alegre, n. 10, p.1-18, 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/25959/15362>> Acesso em 30 nov. 2015.

FREITAS, Maria Teresa. As implicações de ser no mundo e responder aos desafios que a educação nos apresenta. In: FREITAS, Maria Teresa.(org.) **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Rio de Janeiro: Autêntica, 2011.

FUNDAÇÃO PADRE ANCHIETA. Sobre o Quintal da Cultura. **TV Cultura**, São Paulo, 30 set. 2014. Quintal da Cultura. Disponível em: < <http://tvcultura.cmais.com.br/quintaldacultura/sobre-o-quintal-da-cultura>> Acesso em: 30 out. 2015.

GRILLO, Sheila. Esfera e Campo. In: BRAIT, B.(Org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2008.

GRUPO JJ. Quintal da cultura fatura prêmio de melhor programa. **Jornal de Jundiaí**, Jundiaí, 18 mar. 2015. Jotinha. Disponível em: <<http://www.jj.com.br/internas/jotinha/noticias-629-quintal-da-cultura-fatura-pr%C3%AAmio-de-melhor-programa#sthash.EEmHnN44.dpuf>> Acesso em: 30 out. 2015.

LIMA, Jorge Cunha. Três telas para o exercício da cidadania – TV Cultura, TV Futura e TV Brasil. **Interesse Nacional**. Ano 4. N. 15. São Paulo: 2011. Disponível em: < <http://interessenacional.com/index.php/edicoes-revista/tres-telas-para-o-exercicio-da-cidadania-tv-cultura-tv-futura-e-tv-brasil/>> Acesso em: 20 nov. 2015.

MENDONÇA, Sueli. A crise de sentidos e significados na escola: a contribuição do olhar sociológico. **Caderno CEDES**, Campinas, v. 31. n. 85. p. 341-357, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v31n85/03v31n85.pdf>> Acesso em: 02 dez. 2015.

REIS, Fernanda. Programação infantil vive queda na televisão aberta. **Folha de São Paulo. Seção Ilustrada**. São Paulo: Grupo Folha, 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2015/06/1645333-programacao-infantil-vive-queda-na-televisao-aberta.shtml>> Acesso em: 15 nov. 2015.

ROCHA, Heloísa H. Educação escolar e higienização da infância. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 23, n. 59, p. 39-56, abr. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v23n59/a04v23n59.pdf>> Acesso em 02 dez. 2015.

STECK, Juliana. Medida proíbe publicidade dirigida ao público infantil. **Jornal do Senado**. Brasília: Senado Federal, 2014. Disponível em:< <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2014/04/29/medida-proibe-publicidade-dirigida-ao-publico-infantil>> Acesso em: 15 nov. 2015.

TV CULTURA. **ESCOLINHA do Quintal – Vogais**. Vídeo, 6'59". Publicado em 19 out. 2012a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fQRQetJDbpU>> Acesso em 10 nov. 2015.

=====

TV CULTURA. **QUINTAL da Cultura – Professora Dorotéia.** Vídeo, 6'59". Publicado em 27 ago. 2012b. Disponível em: <<http://tvcultura.cmais.com.br/quintaldacultura/quintal-da-cultura-professora-doroteia-27-08-12>> Acesso em: 10 nov. 2015.

Notas

ⁱ Trabalho realizado com o apoio do CNPq. Bolsa de pesquisa na modalidade Pós-doutorado Júnior.

Artigo recebido em 04/05/2016.

Aceito para publicação em 03/05/2017.